

Ação-Reflexão-Ação: A Prática Reflexiva como elemento transformador do cotidiano educativo

Action-Reflection-Action: Reflective Practice as an element of daily life transforming education

Por Miguel Ângelo Schmitt*

Mestrando em Teologia
Escola Superior de Teologia
miguelschmitt@terra.com.br

Resumo:

O presente estudo busca compreender como a concepção de prática reflexiva está concebida para os ideários e nos fazeres pedagógicos contemporâneos. Ao refletir sobre os conhecimentos inerentes a realização da práxis educativa, pode-se afirmar que existe a necessidade de planejamento e reestruturação das formas de pensar e agir na educação. Trata-se, portanto, da busca por novos conhecimentos, por meio da reflexão sobre a prática. É justamente, aqui, que surge uma competência essencial ao professor que pretende se lançar no desafio de rever algumas tradições vividas e aprendidas em sua formação. Percebe-se, a necessidade de uma unidade dialética, por meio da reflexão constante sobre a prática. O grande desafio é, portanto, saber onde buscar algo que não existe, uma nova forma de ensinar respeitando tudo o que foi vivido, num processo de criação assistido pelo passado, construindo uma concepção adequada à realidade dos contextos escolares, respeitando as peculiaridades e seus sujeitos.

Palavras-chave:

Prática Reflexiva. Formação Docente. Práxis. Professor.

Abstract:

The present study seeks to understand how the concept of reflective practice is designed for educational ideals and contemporary pedagogical doings. In reflecting on the knowledge inherent in the realization of educational practice, it can be said that there is a need for planning and restructuring of the ways of thinking and acting in education. It is, therefore, the search for new knowledge, through reflection on practice. It is precisely here that a core competence comes to the teacher who plans to launch the challenge of reviewing some traditions lived and learned in their training. It is clear the need for a dialectical unity through constant reflection on practice. The challenge is therefore to know where to look for something that does not exist, a new way of teaching respecting everything that has been lived in a creation process assisted by the past, building a design appropriate to the reality of school contexts, respecting the peculiarities and the people involved.

Keywords:

Reflective Practice. Teacher Training. Praxis. Teacher

Introdução

Na reflexão sobre os conhecimentos necessários aos professores, na realização da práxis educativa, percebe-se que uma unidade dialética deve ser a base das estruturas de pensamento para as ações que se

desenvolvem no âmbito escolar, relacionando teoria e prática, objetividade e subjetividade, o local e o global. Ao considerar que não existe superioridade cultural, mas, sim, diversidade cultural, entende-se que, somente através do reconhecimento dessa diversidade existente em um todo organizado, é possível a compreensão das diferenças dentro da aula, como, por exemplo, o entendimento dos motivos que unem ou separam esses sujeitos e essas culturas. Nesta lógica de pensamento, surge a

* Licenciado em Educação Física com apoio de bolsa de Iniciação Científica PIBIC/CNPq, Especialista em Gestão Educacional e Mestrando em Teologia, Bolsista CAPES/PROEX

necessidade de permitir e possibilitar situações de aprendizagem e interação, em que os estudantes desenvolvam as competências sociais necessárias para emancipar-se como sujeitos, levando em conta a diversidade na qual estão inseridos e sendo capazes de dialogar e interagir com ela de forma construtiva.

Nesse sentido, pode-se afirmar que existe a necessidade de planejamento e reestruturação das formas de pensar e agir na educação, onde o foco não esteja nos conteúdos, mas nas competências, e que estas estejam adequadas à realidade vivida pelos estudantes, com objetivos de formação que estejam conectados à necessidade de formar sujeitos capazes de compreender e viver num mundo marcado pela diversidade.

Acredita-se, assim, na necessidade de buscar subsídios teóricos, numa perspectiva intercultural, para orientação das práticas educativas, a fim de ampliar as possibilidades de contribuir com a formação dos estudantes e suas potencialidades de agir no mundo como sujeitos emancipados. Contudo, este é um processo de longo prazo, que deve ser incorporado desde a formação inicial dos professores. Trata-se, portanto, da busca por novos conhecimentos, do interesse, da dedicação, do planejamento, da “prática-reflexiva” e do “desejo” por parte dos mesmos de ultrapassar o paradigma das práticas educativas tradicionais, descontextualizadas, “impossibilitadas” de permitir que os estudantes atribuam sentido e significado ao que lhes é proposto, na busca de uma formação autônoma, crítica e criativa.

E justamente aqui surge uma competência essencial ao professor que se pretende lançar neste desafio de rever algumas tradições vividas e aprendidas em sua formação, para andar paralelamente à evolução cultural. O grande desafio é, portanto, saber onde buscar algo que não existe. Uma nova forma de ensinar respeitando tudo o que foi vivido, num processo de criação assistido pelo passado, construindo uma concepção adequada à realidade dos contextos escolares, respeitando as peculiaridades locais.

O Professor Reflexivo

Uma abordagem reflexiva atribui valor ao processo de construção do conhecimento, tanto pessoal, quanto profissional do professor, agregando legitimidade ao solo epistemológico que fundamenta a sua Práxis.

Ao fundamentar a práxis em um processo reflexivo, o professor se apropria de uma condição, que não é apenas importante e necessária para o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem do estudante, como também para sua condição enquanto ser humano em sua integralidade.

Diante dessas constatações, ressalta-se a necessidade e a importância da reflexão sobre a prática, como exercício permanente para a melhora na qualidade das atividades desenvolvidas durante a ação pedagógica.

Desse modo, prática reflexiva, além de subsídios para sua práxis, proporciona ao professor fundamentação para a mesma no espaçotempo em que constrói seu fazer pedagógico. Nesse sentido, pode-se dizer que a prática reflexiva também garante mais segurança para justificar suas escolhas diante dos seus pares e a comunidade educativa. Cabe ao professor em seu processo de reflexão construir estratégias para garantir e incentivar trocas com seus pares e entre seus pares, assim como com os estudantes e entre os estudantes. Ao cumprir o seu papel, o professor, prático-reflexivo, incentiva e possibilita a transformação, não somente de si e do seu fazer, como também do seu contexto, fortalecendo os processos de ação-reflexão-ação no espaço educativo de que faz parte.

Portanto, adotar a compreensão da importância significativa da “prática reflexiva” como ferramenta para a atuação do professor no ambiente escolar, entende-se que o uso de alguns instrumentos é de extrema relevância para que se coloque este trabalho em prática. Um deles é o registro, pois “a prática de registrar nos leva a observar, comparar, selecionar,

estabelecer relações entre fatos e coisas”.¹ Ainda, segundo o autor, “as relações entre educadores e educandos são complexas, fundamentais, difíceis, sobre que devemos pensar constantemente”,² daí a grande necessidade da reflexão na e sobre a prática docente.

Além da importância do registro como elemento utilizado para ressignificar e reorganizar a ação, imprimindo significado para a construção do conhecimento, tanto para os estudantes quanto para o professor, este também é um importante recurso para a memória da ação educativa, sobre a qual se faz a reflexão. Segundo Freitas, “o registro permite que a riqueza das idéias que o professor desenvolve na relação com seu trabalho não fique perdida na rotina”.³

O aspecto histórico, “guardado” nos registros, nos remete a uma nova compreensão para as ações pedagógicas; a partir deste olhar almeja-se redimensionar do tempo pedagógico, buscando superar a dimensão do *Chrónos* (tempo cronológico) para o tempo do *Kairós* (tempo vivo, das experiências vividas), contribuindo para que “a temporalidade [...] seja colocada em função de tempo vivo, ou seja, a serviço de um tempo que se revele fecundo para a construção do conhecimento”.⁴

Ao perceber a necessidade diária de se repensar o papel do professor, na busca de estimular, criar, estruturar e dinamizar situações de aprendizagem nas quais o estudante possa encontrar significado, entende-se que, assim como o registro, a discussão com os seus pares é muito importante para concretizar o processo de reflexão na prática educativa. Dessa forma, corrobora-se com a ideia de Freire quando relata: “Ao hábito de escrever os

textos juntei o de discuti-los, toda vez que possível, com dois grandes amigos com quem trabalhava [...] discutindo achados e não apenas meus textos, debatendo dúvidas, interrogando-nos, desafiando-nos, sugerindo-nos leituras, surpreendendo-nos”.⁵

Parte-se do pressuposto de que a prática do professor (prático-reflexivo), que percebe, registra, reflete e discute sobre as “re-estruturações na relação do professor e do aluno com o saber disponível e com o uso que se faz desse saber”,⁶ também está ligada a sua constante insatisfação com o próprio desempenho diante dos resultados do seu trabalho. Motivado por isso, portanto, “o professor, enquanto ‘prático-reflexivo’, constrói uma teoria própria, explicativa da sua prática, contribuindo para a sistematização de novos conhecimentos”.⁷ Avançando ainda mais no que se refere aos papéis do professor e do estudante nesse conjunto de ações, Alarcão completa que “[...] é fundamental que os alunos abandonem os papéis de meros receptores e os professores sejam muito mais do que simples transmissores de um saber acumulado. [...] O professor continua a ter um papel de mediador, mas é uma mediação orquestrada e não linear”.⁸

A ação educativa estruturada dessa forma constrói, compartilha, reflete e transforma o conhecimento prático na e da sala de aula, imprimindo maior significado para o conhecimento do estudante, assim como do próprio educador. O professor vai ao encontro das necessidades do estudante, mediando para que este encontre sentido e significado para o seu aprendizado. Isso se torna possível quando o docente também encontra sentido na sua própria prática.

Alarcão, afirma que:

O grande desafio para os professores vai ser ajudar a desenvolver nos alunos, futuros cidadãos, a

¹ FREIRE, Paulo. *Professora, sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*. São Paulo: Olho D’Água, 1993. p. 83.

² FREIRE, 1993, p. 82.

³ GRILLO, Marlene. A prática como elemento de reflexão na formação do professor. 1997, sem publicação. In: FREITAS, Ana Lúcia Souza de. *O registro como instrumento da prática profissional do “professor reflexivo”*. Porto Alegre: Educação, 2000. p. 219.

⁴ ASSMANN, Hugo. *Reencantar a Educação: rumo à sociedade aprendente*. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

⁵ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p. 52.

⁶ ALARCÃO, Isabel. *Professores Reflexivos em uma Escola Reflexiva*. São Paulo: Cortez, 2003. p. 25.

⁷ GRILLO, 2000, p. 48.

⁸ ALARCÃO, 2003, p.25.

capacidade de trabalho autônomo e colaborativo, mas também o espírito crítico. [...] O espírito crítico não se desenvolve através de monólogos expositivos. O desenvolvimento do espírito crítico faz-se no diálogo, no confronto de idéias e de práticas, na capacidade de se ouvir o outro, mas também de se ouvir a si próprio e de se auto-criticar. E tudo isso é possível em um ambiente humano de compreensiva aceitação, o que não equivale, e não pode equivaler, a permissiva perda da autoridade do professor e da escola. Antes pelo contrário. Ter o sentido de liberdade e reconhecer os limites dessa mesma liberdade evidencia um espírito crítico e uma responsabilidade social.⁹

Para que isso ocorra, é necessário que, em primeiro lugar, o professor esteja disposto a ressignificar sua prática, para que assim possa, também, conduzir o estudante ao que Morin¹⁰ denominou de “abertura para perceber o novo”, pois não existe novo se a educação se pauta na reprodução.

Por meio dessa mediação, o conhecimento, individual e coletivo, é construído de forma crítica, reflexiva e compartilhada, entre professor e estudante, estudante e estudante e na relação com o meio em que o sujeito vive. Para que a construção do conhecimento ocorra nestas dimensões, a interação e a mediação devem servir como elementos norteadores do diálogo entre professor e estudante. E o professor passa a ser provocador de mobilidade de estruturas mentais já adquiridas em outros contextos, dentro ou fora da escola.

A relação: estudante e professor reflexivo

Falar em ser reflexivo consiste em não se esquecer de que esta é uma constante busca pela valorização dos próprios sentimentos, verdades, assim como pela construção de relações coerentes a estes valores, com o outro e com o espaço em que se está inserido. Além disso, para o professor, estas ações precisam estar intimamente vinculadas na relação com os estudantes, para intermediar a sua descoberta enquanto sujeitos autônomos, atores e

autores em seus contextos. Então, não cabe somente ao professor ser reflexivo, mas, por meio da mediação, possibilitar que os estudantes também o sejam.

Para tanto, além de um processo emancipatório para o professor, esta prática precisa proporcionar a possibilidade dos estudantes conhecerem a si próprios, como sujeitos reflexivos e protagonistas em seus contextos. A fim de instrumentalizar a todos os envolvidos no processo educativo a transformarem e ressignificarem os espaços em que estiverem inseridos.

Para tanto, o professor deve fazer a mediação com estes sujeitos, criando situações problematizadoras, introduzindo novas informações, para que os estudantes avancem em seus esquemas de compreensão dos diversos fenômenos que perpassam o ambiente educativo, a partir da reflexão e da interação com os pares, num processo de ensinar e aprender em que possam assumir diferentes posturas ao longo de sua trajetória escolar, construindo e reconstruindo as suas concepções de mundo e ser humano.

O estudante deve ser compreendido como autor e protagonista nos seus espaços, capaz de reinterpretar significados de concepções e representações da sua realidade, podendo experimentar, questionar, buscar diferentes possibilidades, envolvendo-se num processo vivo em que o jogo de interações e conquistas possa ser compartilhado e construído num espaço de compreensão e aceitação mútua, com vistas à construção de conhecimento.

A aprendizagem e o processo de reflexão, portanto, caminham no sentido de construir autonomia. É importante que o estudante se sinta comprometido e capaz de dar significado à aprendizagem, por meio da análise crítica do seu contexto, fundamentada num profundo processo de reflexão. Para que isso ocorra, o exercício do diálogo é extremamente relevante e colabora para que a significação parta das intenções e dos interesses dos professores e dos estudantes. A cada momento do

⁹ ALARCÃO, 2003, p. 31.

¹⁰ MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez, 2003.

ensino e da aprendizagem são feitas relações que levam a questionamentos, à necessidade de pesquisas, a novas vivências, e, nesse movimento, constroem-se conceitos que ampliam dimensões sociais, políticas, culturais e pessoais, que permitem aos sujeitos da educação o protagonismo na construção do processo educativo. Para que o estudante se envolva em tal processo, que certamente exigirá maior disposição e habilidade por parte do professor e será preciso provocar nele o interesse pela compreensão das insuficiências de seus esquemas habituais e o valor potencial das novas formas e instrumentos de que poderá dispor ao envolver-se reflexivamente e ativamente na construção do seu conhecimento.

Pensando o ensino enquanto prática transformadora, destaca-se a ideia de Freire sobre seu modo de pensar a educação, enfatizando que:

Trata-se basicamente de uma visão diferente da prática educativa. Na educação de crianças, o importante não é abrir a cabeça delas para lhes dar nomes de ilhas e vultos, mas possibilitar que as crianças criem conhecendo e conheçam criando [...], expressando-se e expressando a realidade. Isso é difícil porque os pais, ideologizados pela consumação, exigem que, nas escolas, seus filhos consumam conhecimentos [...] Mas hoje também há espaços para que mudemos essa prática.¹¹

Assim sendo, como em todos os espaços, desde a Educação Básica à Pós-Graduação, existem fatores internos e externos que influenciam e transformam a prática docente, mas cabe aos autores da educação, sejam eles professores ou estudantes, assumirem seus papéis, enquanto protagonistas e transformadores das suas realidades.

Da mesma forma Ruiz e Casablancas¹² demonstram-se contrárias à ideia de que o sujeito é um reflexo passivo do meio. Entende-se, assim, que

os processos de desenvolvimento cultural partem, desde um plano social, em interação com as pessoas, para acender a um plano individual, o que Werstsdí¹³, referindo-se a Vigotsky, chama de *internalização transformadora*.

Neste processo de constante e permanente reflexão, além de refletir sobre a ação, em ação a para a ação, cabe ao professor, além de compreender a si mesmo, compreender também o impacto que estas ações produzem naqueles que fazem parte do seu contexto e no próprio contexto enquanto espaço-tempo orgânico, vivo e sensível.

Segundo Bracht¹⁴, destaca-se ainda que “cabe ao educador tomar uma posição e, diga-se de passagem, não pode ser de neutralidade” diante dos seus contextos, pois, ainda conforme Bracht, o “educador na sua prática, quer queira quer não, é um veiculador de valores. É nesse sentido que reside a ligação da forma de ensino com o seu conteúdo”.¹⁵

Portanto, ao refletir sobre o seu agir, o profissional (prático-reflexivo) confronta o seu modo de pensar com o mundo, com o próprio pensar, sua concepção de mundo e todos os desafios que impregnam sua práxis neste constante compromisso com a mudança, não só do seu mundo, como também do mundo dos seus estudantes. Cabe ressaltar ainda que tudo isso envolve dimensões e ultrapassam os conhecimentos técnicos e disciplinares, ampliando e alargando caminhos, proporcionando experiências nunca antes pensadas, por meio da superação de fronteiras e limites, tanto da ação quanto do pensamento.

Resumindo, pode-se perceber que o papel do professor está vinculado a questões que vão muito além dos conhecimentos técnicos, perpassando os diversos eixos da dimensão humana em sua integralidade.

¹¹ FREIRE, Paulo apud GADOTTI, Edgar. *Convite à leitura de Paulo Freire*. São Paulo: Scipione, 1991. p. 40.

¹² RUIZ, M., CASABLANCAS, S. Un viaje en búsqueda de la infancia. Barcelona: 2004. Texto não publicado e que forma parte do material produzido nos marcos do Projeto *El papel de la escuela primaria en la construcción de la subjetividad*. (BSO2003-06157), realizado pelo FINT, Universidade de Barcelona.

¹³ WERSTSDI, J. *Vigotsky y la función social de la mente*. Barcelona: Paidós, 1988.

¹⁴ BRACHT, V. *Educação Física e Aprendizagem Social*. Porto Alegre, Magister, 1992. p. 74.

¹⁵ BRACHT, 1992, p. 74.

Nesse sentido, entende-se que, para motivar os estudantes, também, é preciso demonstrar entusiasmo na prática; encontrar meios de envolvê-los; reconhecer sua individualidade; mostrar segurança no conhecimento dos conteúdos e saber relacioná-los com o contexto e os interesses deles; ampliar a capacidade de ouvir; criar vínculos afetivos etc. Para conquistar esses ideais o educador é impulsionado, motivado, de certa forma conduzido, à construção de ambientes contagiantes, reflexivos e significativos.

Para implementar esse processo de mudança, a introspecção, a auto-análise e a abertura para o novo tornam-se condição necessária para o desenvolvimento de práticas voltadas para a construção da consciência crítica e reflexiva nos estudantes, com vistas ao amadurecimento e, também, ao comprometimento, a fim de estabelecer um compromisso real, não somente com a mudança no plano individual, como também e, por que não, principalmente, no plano social. Sendo assim, o professor, em primeiro lugar, deve repensar o seu fazer, depois, permitir que os estudantes repensem o seu próprio fazer e, por fim, garantir que a sala de aula seja um espaço de construção conjunta, para proporcionar um ambiente de ensino e aprendizagem mais adequado aos contextos individuais e coletivos.

Nessa perspectiva, percebe-se, ainda, a necessidade de conciliar a “liberdade” e a “autoridade”, ultrapassando as concepções de ensino fundamentadas numa educação diretiva e no autoritarismo.

Diante do todas essas percepções, surgem muitas inquietações, pois a Educação como elemento de intervenção no mundo deixa marcas a partir da práxis educativa, sejam elas boas ou ruins. Segundo Freire,

[...] o professor autoritário, o professor licencioso, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático,

racionalista, nenhum destes passa pelos alunos sem deixar sua marca.¹⁶

Dessa forma, destaca-se a necessidade de reflexão, mudança e reestruturação da Práxis Educativa, pois forma como se aprende e ensina, esta em constante evolução.

O contexto da Práxis e suas possibilidades

O conhecimento, individual e coletivo, é construído de forma crítica, reflexiva e compartilhada, na relação com o meio em que o sujeito vive. Para que a construção do conhecimento ocorra nestas dimensões, a interação e a mediação devem servir como elementos norteadores do diálogo entre professor e estudante. O professor é provocador de mobilidade de estruturas mentais já adquiridas em outros contextos, dentro ou fora da escola.

A aula deve ser um espaço de trocas simbólicas e culturais. O professor faz a mediação criando situações problematizadoras, introduzindo novas informações para que os estudantes avancem em seus esquemas de compreensão no processo de ensinar e aprender, assumindo diferentes posturas ao longo de sua trajetória escolar e acadêmica.

O estudante deve ser compreendido como sujeito participante, capaz de reinterpretar significados de concepções e representações da realidade, podendo experimentar, questionar, buscar diferentes possibilidades, envolvendo-se num processo vivo, em que o jogo de interações e conquistas possa ser compartilhado e construído num espaço de compreensão e construção de conhecimento.

É importante que o estudante se sinta comprometido e capaz de dar significado à aprendizagem. Para isso, o exercício do diálogo colabora para que a significação parta das intenções dos professores e dos estudantes. A cada momento do processo de ensino/aprendizagem são feitas relações que levam a questionamentos, à necessidade

¹⁶ FREIRE, 1992, p.73.

de pesquisas, novas vivências e, nesse movimento, constroem-se conceitos que ampliam dimensões sociais, políticas, que permitem ao sujeito o protagonismo na construção de culturas. Para que o estudante se envolva em tal processo, que, certamente, exigirá maior disposição e habilidade, é preciso provocar nele a compreensão das insuficiências de seus esquemas habituais e o valor potencial das novas formas e instrumentos de que poderá dispor ao envolver-se, reflexiva e ativamente, na construção do seu conhecimento.

Para tanto, o professor deve estar atento para a distância entre o seu trabalho de ensinar e o trabalho de apreender do estudante; levando em conta o entorno sócio-cultural. Deve conhecer a realidade do estudante, qual o enfoque que irá abordar num determinado conteúdo, informar-se dos saberes já produzidos por este estudante, enfim, ser dinâmico ao fazer recortes, adaptações, ampliações ou simplificações.

Para que esse processo flua de maneira equilibrada faz-se necessário que o professor em primeiro lugar se perceba enquanto sujeito capaz de formar a si mesmo continuamente, num processo de ação-reflexão-ação, alicerçado em uma constante *vigilância epistemológica* que lhe permita, também, descobrir-se a si próprio, seu valor, suas ideias, seu posicionamento frente às diversas situações, alcançado com êxito os objetivos do processo educativo e na relação com o outro.

Nesta perspectiva, pensando nas possibilidades e na riqueza desta prática de “reflexão-ação-reflexão”, destaca-se a necessidade de cultivá-la, a fim de que se torne realidade e que, ao refletir, se adapte inclusive a “forma” da reflexão de acordo com o tempo e lugar em que se está inserido, lançando mão de diversas estratégias para colocar em prática este exercício da reflexão na atuação docente.

Considerações finais

Ao concluir este texto, percebe-se o quanto ainda é necessário caminhar na construção dos temas abordados e que a prática reflexiva só acontece

quando nos colocamos disponíveis a ouvir, sentir e realizar, com vistas ao autoconhecimento que resultará no melhoramento da Práxis. Além disso, também cabe ressaltar que esta escrita contribui de alguma maneira para o estímulo ao aprofundamento sobre a reflexão e a ressignificação das práticas pedagógicas vigentes.

O professor (prático-reflexivo) não se conforma na e com a sua prática, percebe o ser-fazer como um constante processo de aprimoramento pessoal e profissional. Procura compreender e construir, a partir da auto-análise e da sua relação com os pares, novas possibilidades para atender as dinâmicas impostas por todas as demandas inerentes aos espaços educativos em que está inserido, principalmente no que diz respeito à sala de aula e seus sujeitos.

Ao refletir sobre sua prática pedagógica, sua relação com o contexto em que se insere, suas metodologias, fundamentos epistemológicos, enfim, sobre sua práxis, o professor aproxima, também, o estudante desta perspectiva. Desse modo, o estudante, estimulado pelo professor, é conduzido a refletir sobre seu próprio aprendizado, sobre o significado disto em sua vida e sua formação acadêmica.

O posicionamento de filiação ao conceito e à prática de “professor-reflexivo”, portanto, proporcionou um olhar diferenciado sobre as possibilidades de construção e desenvolvimento de novos modelos para a práxis. Além disso, faz com que se perceba que na medida em que se escreve, já se reflete, ressignifica e se percebe as limitações das presentes percepções.

Sendo assim, cabe ressaltar que as reflexões aqui são preliminares e partem de um constante ir e vir de “ação-reflexão-ação”, visando ao desenvolvimento de uma prática cada vez mais fundamentada e condizente com as necessidades do atual ambiente educacional.

[Recebido em: agosto de 2011,
Aceito em: setembro de 2011]